

COMPETITIVIDADE EM PARQUES TECNOLÓGICOS DO BRASIL: UMA ANÁLISE DO CARÁTER EVOLUCIONÁRIO E ESTRATÉGIAS VOLTADAS PARA RESULTADOS

Autor: Wellington Dias de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Espinheira Costa Pereira

Ao longo dos últimos anos, diversos estudos têm sido feitos por pesquisadores sobre os empreendimentos aglomerados na forma de *clusters* ou arranjos produtivos locais (APL's), devido ao seu potencial de alavancar a competitividade de empresas que se encontram instaladas nesta configuração. Pela abordagem estratégica, pode-se afirmar que a formação de *clusters* tornou-se uma opção para as empresas se posicionarem nos mercados em que atuam para competirem ante uma concorrência cada vez mais agressiva dos tempos atuais (TELLES et al., 2013). Neste contexto, inserem-se os parques tecnológicos, empreendimentos compostos pela participação mútua de empresas, universidades e o poder público, compartilhando uma infraestrutura adequada montada especificamente para este fim e que propiciam a troca de informações, conhecimento e o desenvolvimento de novas tecnologias. Os primeiros parques foram verificados há pouco mais de seis décadas, no Vale do Silício, nos Estados Unidos, pela integração da Universidade de Stanford e indústrias locais com o propósito de promover ambiente de inovação (FORMICA; TAYLOR, 1998). No Brasil, os primeiros registros referem-se ao Parque de Alta Tecnologia de Campinas (PATC), concebido na década de 1970, seguindo o modelo do Vale do Silício (BALDONI, 2014). O conceito de parques foi difundido a partir de 1984, pela criação dos Centros de Inovação Tecnológica em instituições de pesquisa e universidades em todo o país, uma iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (MEDEIROS, STAL, SOUZA NETO, 1987). Ainda, segundo Baldoni (2014), foi apenas a partir de 2000 que estes empreendimentos começam a ganhar força, reconhecidos como instrumentos capazes de promover o desenvolvimento científico e tecnológico. Lobosco, Moares e Maccari (2011)

ressaltam a sua importância para o aumento da competitividade empresarial e o avanço tecnológico do Brasil. A inovação é favorecida pelo ambiente encontrado nos parques tecnológicos que permite a interação de empresas, universidades, institutos de pesquisa, financiadoras, órgãos governamentais e outros que se estabelecem num mesmo espaço geográfico (COOL; COSTA; DIERICKX, 2002; MALERBA; LUISA; MONTOBBIO, 2013). A reunião destas características influencia diretamente na inovação aberta, baseada nos vínculos e conexões entre as empresas e demais atores que integram o ambiente, propulsionando a produção do conhecimento de forma integrada e colaborativa (CHESBROUGH, 2011; TIDD; BESSANT; PAVITT, 2008). Zaccarelli et al. (2008), em seus estudos sobre a competitividade das empresas e, em especial, as aglomeradas em *clusters*, chama a atenção para dois de seus fundamentos de verificação da competitividade de negócios em formato de *clusters* que se determinam pelas ações diretamente ligadas à governança que deve existir nesses arranjos, são eles: o caráter evolucionário pela introdução de tecnologias (inovação) e a definição de estratégias voltada para obtenção de resultados. Como visto acima, a constante inovação e o alcance dos resultados esperados são propulsores da vitalidade dos parques tecnológicos e justificativa para a continuidade dos investimentos pelos organismos interessados e do atendimento aos propósitos colocados quando da sua constituição. O trabalho justifica-se pela necessidade de melhor compreensão do estágio de desenvolvimento e dos resultados que os parques tecnológicos têm alcançado ante os objetivos projetados pelos atores envolvidos e perante a sociedade que, de uma forma geral, é patrocinadora e beneficiária dos produtos gerados pelos empreendimentos em operação. A pesquisa em andamento propõe-se a responder à seguinte pergunta: As estratégias compartilhadas entre as empresas de Parques Tecnológicos promovem a competitividade?